

Corpos pós-humanos e com deficiência em ambientes digitais: abordagens transversais a partir da hashtag #somostodosparalímpicos

Sônia Caldas Pessoa

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Camila Maciel C. Alves Mantovani

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Verônica Soares da Costa

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Resumo

A partir da campanha #somostodosparalímpicos, da revista *Vogue Brasil*, discutimos dinâmicas sociopolíticas do corpo e representações do corpo com deficiência no senso comum e nas redes sociais digitais. A metodologia partiu de uma abordagem de inspiração etnográfica para análise qualitativa, com o objetivo de compreender as relações sociopolíticas da representação de corpos e a representação de pessoas com deficiência a partir de mensagens articuladas pela hashtag da campanha. Foram analisadas as articulações entre a visibilidade da deficiência e o relacionamento simbiótico entre homem e máquina nas mídias sociais no contexto dos Jogos Paralímpicos. Se, por um lado, a campanha garantiu o aumento da venda de ingressos para a Paralimpíada, por outro, minimizou a representatividade de pessoas com deficiência tendo em vista a substituição dos paratletas por atores e a hibridização com corpos supostamente belos.

Palavras-chave:

Deficiência. Jogos Paralímpicos. Corpo. Ciborgue. Pós-humanos.

Introdução

As noções abarcadas pelo senso comum, no que se refere ao imaginário sobre as pessoas com deficiência, apontam, quase sempre, para uma expectativa social baixa em relação às capacidades e conquistas que podem ser atribuídas a essas pessoas em diversas situações da vida. Historicamente, a representação social e midiática das pessoas com deficiência está ancorada em uma noção de corpos vulneráveis, que surpreendem quando conseguem realizar algo que não lhes pertenceria. Tanto é assim que qualquer atividade positiva, ou mesmo alguma ação considerada pouco previsível, é geradora de inúmeros elogios e afirmações que buscam reforçar o quão inesperada é aquela ação vinda daqueles sujeitos (SILVA; HOWE, 2012).

A ideia de superação, constantemente utilizada para supervalorizar ações cotidianas das

pessoas com deficiência, parece-nos ser indicativa de um conjunto de ideias que permeiam estas representações: se a pessoa com deficiência é protagonista de atividades físicas ou intelectuais típicas de quem não tem deficiência, ela alcança um status que a sobrepuja às demais, tendo se destacado por viabilizar algo que dela não se esperava. Uma ação que, em princípio, seria naturalizada em contextos sociais sem deficiência, torna-se uma vitória quando esta se faz presente.

No campo dos esportes e, mais ainda, no contexto dos Jogos Olímpicos, a vitória e o triunfo seriam pressupostos de quaisquer atletas. No caso dos Jogos Paralímpicos, no entanto, uma tensão adicional se faz premente entre a expectativa da conquista de medalhas e um “vencer” a própria deficiência. Tais atravessamentos se dão de modo ainda mais evidente nos atletas do evento em questão. De acordo com Silva e Howe (2012), as narrativas de superação povoam a mídia e o imaginário social nesses contextos, levantando questionamentos acerca de seus efeitos positivos sobre os sujeitos que desejam empoderar:

A positividade inquestionável de narrativas de “superação” está inscrita no pacote inviolável de coisas naturalmente tomadas como garantidas em um mundo governado por uma maioria capacitada (Devlin & Pothier, 2006). Esses contos de superação estão espalhados em todas as esferas da vida, incluindo, mas não se limitando a, educação, política, bem-estar, economia, religiões e esporte. Sentimos que é importante questionar se o elogio é sempre positivo. Será que expressões como “Paralimpíadas: Onde os heróis estão”, que é usado no título de um livro (Steadward & Peterson, 1997), ou um termo como “superatleta”, são prejudiciais para as pessoas que pretendem capacitar? (SILVA; HOWE, 2012, p. 175, tradução nossa)¹

Apesar das evidentes potencialidades, em termos de visibilidade, que um evento como os Jogos Paralímpicos pode trazer, há que se estar atento para as representações veiculadas pela mídia acerca das pessoas com deficiência que, com frequência, ajudam a reforçar estereótipos e contribuem para a visão marginal da deficiência na sociedade. Esta observação é corroborada por estudos como o realizado por Novais e Figueiredo (2010), que aponta as Paralimpíadas como um evento midiático que tem status de secundário ou desimportante,

1 “The unquestioned positiveness of “overcoming” narratives is inscribed in the inviolable package of things naturally taken for granted in a world ruled by an able-bodied majority (DEVLIN; POTHIER, 2006). These overcoming tales are spread in and through all walks of life included but not limited to education, politics, welfare, economics, religions, and sport. We feel it is important to question whether praise is always positive. Can expressions like “Paralimpics: Where the heroes Come,” which is used in the title of a book (STEADWARD; PETERSON, 1997), or a term like “superathlete,” be detrimental to the people they intend to empower?”

se levarmos em consideração como são configuradas, historicamente, as grades de programação dos veículos de mídia tradicional. Como espetáculo esportivo midiático, em comparação com as Olimpíadas, as Paralimpíadas têm redução da transmissão ao vivo de suas competições, além de uma cobertura rasa e estereotipada da figura do paratleta. Um caso estudado por eles sobre a cobertura jornalística dos jogos de Pequim, em 2008, mostra que dentre 113 notícias analisadas, mais de 70% se dedicaram a atletas olímpicos e menos de 30% aos paralímpicos (NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010), o que ressalta o maior tempo de antena em redes de televisão concedido aos atletas olímpicos em detrimento dos paralímpicos.

Com base nestas inquietações sobre a correlação entre imaginários a respeito de pessoas com deficiência, corpos e a relação com a tecnologia, voltamos o nosso olhar para a repercussão em redes sociais digitais, principalmente no *Twitter*, da campanha intitulada *#somostodosparalímpicos*, cuja *hashtag* despertou nossa atenção para uma ideia de que a deficiência seria naturalizada, fazendo parte da experiência de “todos nós”. A partir da breve apresentação dos elementos que compõem o dinâmico cenário de nossa análise, faz-se necessário introduzir a noção de deficiência que norteia as nossas pesquisas e a discussão aqui apresentada.

Deficiência: do modelo médico ao biopsicossocial

Podemos estabelecer uma correlação entre os modos de percepção sobre os corpos e os corpos com deficiência. Esclarecemos não ser nossa intenção promover uma separação estática, limitando os corpos com deficiência a um lugar definido, à margem dos demais. Trata-se, no entanto, da importância de situar os estudos sobre a deficiência, em especial no Brasil. Desse modo, indicamos também imaginários sociais comuns sobre a deficiência, presentes em estudos científicos e em textos de leis e convenções.

O foco na condição biológica esteve presente no chamado modelo médico, cujas premissas principais estavam centradas na catalogação das patologias advindas da deficiência, na medicalização, nas terapias, na recuperação e até mesmo em uma possível correção de partes do corpo consideradas adoecidas ou anormais. Não obstante os tratamentos médicos e terapêuticos serem fundamentais para a saúde e a qualidade de vida da pessoa com deficiência, a partir dos anos 1970, percebeu-se que a deficiência é um conceito em constante mutação, resultado da interação entre as próprias pessoas com deficiência e as inúmeras relações sociais estabelecidas no cotidiano em espaços físicos, atitudinais, simbólicos e discursivos, apenas para citar alguns, que

interferem na conquista da cidadania destas pessoas.

Assim, o modelo biopsicossocial caminha para uma abordagem que considera a individualidade da pessoa com deficiência, mas não a penaliza por sua condição. Nesta perspectiva, distribui socialmente a reflexão e a responsabilidade sobre a problemática da deficiência. A Lei Brasileira de Inclusão, em seu artigo 2º, considera pessoa com deficiência aquela que tem “impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (BRASIL, 2015, *on-line*).

A abordagem proposta neste estudo assume a deficiência a partir deste modelo e em consonância com a legislação brasileira que, se não garante em sua plenitude os direitos do cidadão com deficiência, reconhece a necessidade de tratar com mais hospitalidade as necessidades de quase 13 milhões de brasileiros, ou seja, 6,7% do total da população, que se autodeclararam com algum tipo de deficiência visual, auditiva, motora, mental

ou intelectual, no Censo Demográfico de 2010, realizado pelo governo federal, com atualização posterior de nota técnica do próprio órgão².

Para situarmos a importância social da deficiência no mundo, gostaríamos de lembrar que, de acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 10% da população mundial, ou cerca de 1 bilhão de pessoas, vivem com deficiência. Mais do que uma estatística, esse número constitui a maior comunidade ou minoria do planeta³, e pode ser bem mais numerosa, tendo em vista a invisibilidade das pessoas ou até mesmo o receio de se declararem com deficiência. Em resumo:

Partimos da noção de deficiência proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2012, p. 4) e aceitamos que a deficiência é “complexa, dinâmica, multidimensional e questionada”. Assim, localizamos a deficiência no quadro do modelo social, o que significa dizer que reconhecemos o deslocamento, mas não a ruptura, do modelo médico individualizado para o modelo estrutural e social. De acordo com essa percepção, a pessoa com deficiência seria percebida pela sociedade em função de suas limitações, mas não em função de seus corpos, como diz o relatório da OMS, e a que nós acrescentamos, de suas

2 Dados disponíveis em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2019

3 Dados disponíveis em: <<https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-com-deficiencia/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

mentes. Ressaltamos ainda que é comum uma PcD apresentar problemas de saúde ou se tornar deficiente como consequência de uma doença grave ou um acidente, o que não valida a perspectiva da deficiência como patologia. Em outras palavras, patologias podem estar associadas à deficiência, mas a deficiência em si não se configuraria como uma doença. (PESSOA, 2018, p. 38-39)

Faz-se importante, no entanto, marcar que, apesar de adotarmos a perspectiva biopsiossocial, consideramos que, no cotidiano, ainda subjaz uma visada binária sobre a deficiência no que tange à separação entre corpo e mente, físico e mental, intelectual e sensorial, em um movimento semelhante ao estabelecido sobre as relações homem-máquina, que serão abordadas adiante. Entendemos que essa perspectiva possa ser necessária para que a identificação dos diversos tipos de deficiência proporcione a criação e a implantação de políticas públicas, bem como o atendimento médico e terapêutico. Mas, do ponto de vista comunicacional, incluindo-se aqui as relações mediadas em redes em seus aspectos discursivos, preferimos pensar a deficiência em uma perspectiva holística.

Neste sentido, o estudo considerou deficiência como um conjunto de relações coconstituídas entre os sujeitos com e sem deficiência em suas interações cotidianas, em espaços

públicos e privados, com desafios de origem diversa, que dificultam ou impedem o acesso aos direitos dos sujeitos com deficiência em igualdade de condições com os demais. Não estabelecemos separação entre o físico, a mente e o sensorial, por motivos que explicitaremos a seguir. O primeiro deles é que, como dissemos, as relações se estabelecem nas interações entre pessoas com e sem deficiência e não apenas centradas na pessoa com deficiência.

Se consideramos a problemática social apenas na pessoa com deficiência, reforçamos a lógica do *capacitismo*, tradução para *disablism* cunhado por Campbell (2009). A autora nos convida a refletir sobre imaginários comuns, em contextos sociais diversos, da noção de deficiência associada a percepções negativas, tais como anormalidades e aberrações. Subjetividades coletivas acabam por naturalizar reações, condutas e comportamentos pouco hospitaleiros às pessoas com deficiência, distanciando-as dos direitos de cidadãos e condenando-as, em muitos casos, a viver excluídas de espaços escolares, de trabalho e de saúde, por exemplo, ou em permanente luta para que tenham acessibilidade irrestrita a espaços e serviços públicos. Para além das barreiras físicas, o capacitismo provoca também inúmeras reflexões sobre estilos de vida e modos de estar no mundo, por não

valorizar as pessoas com deficiências ou não as assumir como dignas de relações sociais que dão conta de outros direitos, tais como relações sexuais e afetivas, maternidade e orientação sexual.

Além disso, seria pouco razoável estabelecer categorias que contemplem todos os tipos de deficiência respeitando as singularidades de cada sujeito. Do ponto de vista político, entendemos que movimentos de grupos de pessoas com deficiência divididos por tipologias, tais como motora, visual, auditiva, autismo, síndrome de Down, entre outros, tem importância para lutas específicas. No entanto, não gostaríamos de restringir nossa pesquisa a um ou outro grupo. O terceiro motivo diz de uma preocupação com a percepção de pessoas com deficiência como humanos, ciborgues ou pós-humanos, que tenham experiências conectadas nas relações com o outro, mas antes de tudo e, simultânea e ininterruptamente, a partir das relações consigo mesmo. São seres que negociam essas redes de relações sociais entre imaginários constituídos ao longo de suas próprias experiências com senso de historicidades, de vulnerabilidades, de linguagens, de corpos e de alteridades, e com necessidade e autonomia para reconhecerem-se e assumirem-se pessoas com deficiência.

Métodos: Movimentos da Campanha e Movimentos da Pesquisa

Como é de amplo conhecimento, os Jogos Paralímpicos acontecem após os Jogos Olímpicos, como uma atração complementar ou de menor importância em relação ao megaevento organizado pelo Comitê Olímpico Internacional. Em 2016, a sede das duas competições foi o Rio de Janeiro (RJ, Brasil), tendo os Jogos Olímpicos ocorrido na cidade em agosto e os Paralímpicos, entre 7 e 18 de setembro. Em números, podemos resumir as Paralimpíadas em 23 modalidades esportivas, com 528 provas em 11 dias de competição⁴.

Kell et al. (2008) questionam a necessidade de as Paralimpíadas serem projetadas como um evento paralelo aos Jogos Olímpicos. Os autores sugerem que o formato perpetua estereótipos ultrapassados sobre a capacidade e a incapacidade dos profissionais, reforçando certo grau de paternalismo e desvalorização de suas realizações. Eles argumentam que grande parte dos protocolos e sistemas de classificação nos Jogos Paralímpicos – representados e repetidos também midiaticamente – contradizem o pensamento contemporâneo sobre desportistas e mulheres, pois concentram-se na noção de deficiência. Nos Jogos Olímpicos, ao contrário, valoriza-se a alta

performance dos atletas, cada vez mais rápidos, mais altos e mais fortes, conforme o lema olímpico em latim *Citius, Altius, Fortius*⁵.

Os Jogos Olímpicos foram realizados em momento delicado de instabilidade político-econômica no país. A então presidente da República, Dilma Rousseff, teve o impedimento aprovado pelo Congresso Nacional em 31 de agosto de 2016, sendo afastada de suas atividades. Além disso, com a crise econômica agravada no Governo do Estado do Rio de Janeiro, os Jogos Paralímpicos tiveram a sua realização ameaçada. Dificuldades financeiras e jurídicas chegaram a ser noticiadas e poucos ingressos foram vendidos até a véspera da competição, minimizando a expectativa de receitas. Além da incerteza sobre a realização ou não do evento, os Jogos Paralímpicos Rio 2016 mobilizaram uma diversidade de pautas sobre temas como inclusão, acessibilidade, visibilidade, representatividade e deficiência, muitas delas com grande repercussão midiática e capitaneadas pelos próprios organizadores e apoiadores do evento. No

entanto, a campanha #somostodosparalímpicos mobilizou discussões que também se pautaram por visões conflituosas sobre a (in)visibilidade dos atletas, em especial, e das pessoas com deficiência, de modo geral, conforme veremos a seguir.

A campanha #somostodosparalímpicos foi produzida pela agência de publicidade África, com sede no Brasil, com publicação⁶ no site e em perfis oficiais da revista *Vogue Brasil* nas redes sociais digitais⁷ no contexto dos Jogos Paralímpicos realizados na cidade do Rio de Janeiro, em 2016. Se, por um lado, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) não publicou referência direta a ela em sua lista de iniciativas oficiais no site da entidade, por outro, teria apoiado a ação, de acordo com nota compartilhada pela agência:

A campanha com a participação dos embaixadores do movimento paralímpico brasileiro Cleo Pires e Paulo Vilhena tem o apoio do CPB. O objetivo da campanha é chamar atenção para as pessoas com deficiência num momento em que o Brasil se aproxima dos Jogos Paralímpicos. De acordo com as estatísticas oficiais, um em cada quatro brasileiros tem algum tipo

5 O lema olímpico foi criado pelo padre Henri Didon, quando da criação do Comitê Olímpico Internacional, em 1894, e incorporado ao COI pelo Barão Pierre de Coubertin. Disponível em: <https://stillmed.olympic.org/Documents/Reports/EN/en_report_268.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2017.

6 Disponível em: <vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/08/somos-todos-paralimpicos-campanha-com-cleo-pires-e-paulinho-vilhena.html>. Acesso em: 14 jun. 2019.

7 Endereços digitais da revista: <<http://vogue.globo.com>>; @VogueBRoficial (Twitter); VogueBr (Facebook); voguebrasil (Instagram).

de deficiência. Mas essas pessoas ainda são, em grande maioria, invisíveis na nossa sociedade. Os atletas estarão presentes em outras peças e ficaram muito felizes em participar da campanha⁸.

Até aquele momento, os Jogos Paralímpicos não haviam despertado o interesse do público, a julgar pelo baixo índice de venda de ingressos. Por este motivo, a ação da revista *Vogue* visou ampliar a visibilidade da competição, incentivando a compra e a participação do público nas competições. Este movimento em busca de visibilidade, apesar de ter alcançado o objetivo de chamar a atenção e contribuir para a venda recorde de ingressos em um único dia⁹, foi também criticado nas redes sociais, em um *buzz* que ampliou o debate para além da ação publicitária.

A revista *Vogue Brasil* fez o lançamento da campanha no *Twitter*, no dia 24 de agosto de 2016, pouco antes da abertura oficial dos Jogos Paralímpicos. A ação se baseou em uma fotografia (Figura 1), articulada com a frase “#somostodosparalímpicos: a campanha com @pires_cleo e Paulinho Vilhena glo.bo/2bFFbld”, que levava ao site da revista. A fotografia traz os atores brasileiros Cleo Pires e Paulo Vilhena, embaixadores dos

Jogos Paralímpicos 2016, em imagens digitalmente modificadas, sem um dos membros, com prótese e roupas de alta performance. A atriz incorporou digitalmente a “pele” da paratleta de tênis de mesa, Bruna Alexandre, que tem um dos braços amputados, ao passo que Vilhena estaria ‘no corpo’ de Renato Leite, atleta do vôlei sentado.

Trabalhos como os de D’andrea (2014, 2016a, 2016b) já apontaram para as dinâmicas e conexões intermediáticas que se manifestam entre transmissões audiovisuais esportivas, especialmente as realizadas ao vivo, e o uso das redes sociais digitais, como o *Twitter*, seja em uma dinâmica de segunda tela capitaneada por iniciativas institucionais de canais de televisão, seja em formas auto-organizadas de manifestação coletiva mediada por *hashtags*, que problematizam e/ou ressignificam a transmissão em outra ambiência digital (D’ANDREA, 2014). O autor analisou, por exemplo a dinâmica de formação de redes de retweets (RTs) a partir da repercussão no *Twitter* da exibição do exoesqueleto BRA-Santos Dumont na cerimônia de abertura da Copa do Mundo FIFA 2014 (D’ANDREA, 2016a), e também a emergência dessas redes de RTs na semifinal entre Brasil e Alemanha, em torno

8 Disponível em: <<http://www.clubedecriacao.com.br/ultimas/somos-todos-paralimpicos>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

9 Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/08/venda-de-ingressos-da-paralimpiada-bate-novo-recorde-145-mil-em-24h.html>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

Figura 1: Paulo Vilhena e Cleo Pires “na pele” dos atletas paralímpicos Renato Leite e Bruna Alexandre



Fonte: Reprodução site *Vogue Brasil* (2016).

da hashtag #vergonhabrasil durante e após a partida (D'ANDREA, 2016b).

No caso do presente artigo, não se trata de uma ação mediada por *hashtag* que se desenvolve simultaneamente à transmissão de uma modalidade esportiva ou mesmo da cerimônia solene de abertura de um megaevento como as Olimpíadas ou a Copa do Mundo. Conforme já apresentado, a origem da *hashtag* #somostodosparalímpicos se dá em

um momento anterior à abertura oficial dos Jogos. Nossa discussão sobre a campanha das Paralimpíadas prioriza o olhar para os sentidos das textualidades que circulam a partir da *hashtag*, e o que dão a ver em relação às imagens das pessoas com deficiência. Afastamo-nos, assim, das perspectivas de pesquisa que têm como foco os métodos digitais, que fazem uso de grande volume de dados, e da capacidade computacional de análise das plataformas *on-line* para estudar fenômenos

sociais coletivos (ROGERS, 2015; VENTURINI et al., 2018) e optamos, do ponto de vista metodológico, por uma investigação de inspiração etnográfica para uma análise qualitativa, compondo um *corpus sui generis* (PESSOA, 2018). Essa abordagem consistiu em acompanhar a *hashtag* da campanha em *tweets*, mensagens compartilhadas na mídia social *Twitter*, mas também links que se desdobraram a partir dela. A partir de Recuero e Zago (2012, p. 21), compreendemos que:

Ferramentas como o Twitter permitem a interconexão entre as pessoas, mantendo canais permanentes de circulação de informação: são as redes sociais amplificadas pela mediação do computador. De um modo especial, o Twitter tem sido apropriado para criação e manutenção de redes sociais que influenciam e são influenciadas pela difusão de informações. Essas práticas tomam forma principalmente através dos *retweets* (ou RTs ou retuítes).

Nosso recorte de *corpus* incluiu os *tweets* e seus RTs, mas também um conjunto de documentos, dados, informações, perfis e páginas que circularam de modo disperso e diversificado a partir dessa mídia e que dão forma às práticas de representação dos corpos com deficiência que estão aqui colocados em análise. O recorte temporal se deu entre 24 de agosto de 2016, data da primeira postagem da campanha, e 24 de outubro de 2016, momento final da observação. Ressaltamos, assim, que nosso interesse não está centrado no volume

de postagens, nem na coleta sistemática de mensagens no período apontado, mas focado em como essas postagens podem ser articuladas por meio de reflexões como representatividade, ressignificações e repercussões sobre corpos e deficiência. Gostaríamos de registrar, ainda, que este texto não tem como objetivo uma vinculação factual entre o período no qual os jogos aconteceram e a publicação do artigo. Antes de nos interessar uma produção científica que faça essa vinculação, interessamos, pelos próprios métodos escolhidos para o estudo, uma observação que se dê para além do temporal.

Entre os objetivos que nos instigaram estão a compreensão das relações sociopolíticas das representações de corpos – cibernéticos e pós-humanos – e a representação de pessoas com deficiência nas mensagens articuladas pela *hashtag* da campanha. Aliamos à nossa observação uma reflexão conceitual sobre atravessamentos entre as noções de corpos humanos e tecnologia a partir de autores como Rouanet (2003), Santaella (2002) e Haraway (2016) e promovemos um diálogo com representações, estigmas e estereótipos de Goffman (1975) e com reflexões de Campbell (2009) e Pessoa, Mantovani e Costa (2017) sobre corpos, deficiência e preconceito.

Um dos fios condutores do *corpus* foi a postagem oficial da *Vogue* no *Twitter*, que originou

os demais materiais coletados. Seguimos rastros e pistas (GINZBURG, 2014) que nos conduziram em direção a possíveis desdobramentos em textos sobre a campanha, que chegou a ter alcance internacional¹⁰. Consideramos textos publicados por empresas, instituições e pessoas – estas últimas, percebidas a partir da concepção de Certeau (2012). No caso deste estudo, consideramos os usuários que mantêm seus perfis em redes sociais discutindo temas diversos, sem se apresentar como especialistas, a partir de suas opiniões pessoais e vivências vinculadas ao que o autor define como cotidiano:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. (CERTEAU, 2012, p. 31)

A percepção cotidiana dos usuários comuns não está restrita ao *Twitter*, ela se estabelece em redes múltiplas, tornando-se inesgotável ou de difícil identificação as pistas a ela relacionadas. Por isso, ao adotarmos a concepção de *corpus sui generis* em redes, entendemos que a análise não deve se restringir às postagens

no *Twitter*, nem às mensagens acompanhadas da *hashtag* #somostodosparalímpicos. Buscamos, assim, textualidades diversas por ela provocadas no ambiente digital, tendo em vista que alguns rastros de postagens nos escapam quando pensamos em um início e um fim passíveis de identificação. Elegemos, para economia da pesquisa, marcos inicial e final no recorte temporal já indicado. Consideramos para esta finalidade, textos verbovisuais, ou um conjunto de textos e suas visualidades articuladoras de significações e sentidos originários de lugares e situações diversas. Por meio deles ou com eles, esta conexão não se daria apenas no campo linguístico, mas estaria também relacionada à promoção de afetos e de experiências estéticas (MENDONÇA, 2010).

Assim, identificamos que a publicação da Figura 1 no *Twitter*, associada à *hashtag* #somostodosparalímpicos, apontou, inicialmente, para um estranhamento dos usuários da rede social em relação às escolhas dos atores encarnando papéis de atletas com deficiência em nome da divulgação das Paralimpíadas. Os argumentos de desaprovação usam termos como “mutilação digital”, “ofensa [às pessoas com deficiência]”, “bola fora”, “close errado”, dentre outros, e pontuam a falta de bom senso dos idealizadores

10 Vogue Brasil Photoshopped able-bodied models instead of using actual Paralympians. Disponível em: <<http://mashable.com/2016/08/25/vogue-brasil-photoshops-models-paralympians/#NsXtvLohtSqT>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

da campanha. Horas após a publicação da foto, a reação negativa nas redes sociais levou a revista *Vogue Brasil* a atualizar seu site para incluir uma declaração de seu diretor de arte, Clayton Carneiro. Nesta atualização, a *Vogue Brasil* incluiu na página uma foto em que os atores posam junto aos paratletas (Figura 2).

Os quatro corpos, que se fundiram em dois nas imagens da campanha, surgem aqui em movimentos de proximidade e de distanciamento. Estão unidos em ideias e nos

bastidores em prol das Paralimpíadas. Distantes, porém, nas imagens oficiais da campanha nas quais a junção dos corpos humanos, cibernéticos e com deficiência conduziram a representação das pessoas com deficiência para abordagens controversas. Nessa nova imagem, os atores usam roupas curtas que deixam à mostra parte de seus corpos. Já os corpos dos atletas não estão em evidência; eles estão vestidos com a camiseta da campanha oficial realizada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro #carreguenopeito.

Figura 2: Cleo Pires e Paulo Vilhena com os paratletas Bruna Alexandre e Renato Leite



Fonte: Reprodução site *Vogue Brasil* (2016).

A questão da visibilidade alcançada pelos atores, em contraste com a invisibilidade das deficiências dos atletas, está presente nas manifestações de quem não apoiou a ação, mas também naquelas postagens que se manifestaram favoráveis. No segundo caso, justificou-se que o fato de terem usado atores era justamente o que estava causando repercussão e, por isso, a campanha teria sido um sucesso. Segundo esses argumentos, a presença de paratletas ou pessoas com deficiência não teria garantido a atenção necessária para que a campanha atingisse seu objetivo principal, que era aumentar a venda de ingressos para os Jogos Paralímpicos.

Assim, houve quem interpelasse os perfis oficiais da revista *Vogue Brasil* e da atriz Cleo Pires no *Twitter* sobre os motivos de não terem feito uso dos atletas paralímpicos na ação, bem como ponderações de que o uso de famosos, assim como em toda propaganda publicitária, teve como objetivo gerar influência. Além dos usuários do *Twitter*, celebridades e jornalistas, como o escritor brasileiro Marcelo Rubens Paiva, que é cadeirante, manifestaram-se a favor da campanha, destacando a visibilidade alcançada. Para Paiva, a campanha foi uma provocação que surtiu o efeito prometido, aumentando a venda de ingressos

para os Jogos Paralímpicos: “233 mil ingressos vendidos para os Jogos Paralímpicos nos últimos 2 dias. Nem para a olimpíada foi tanto em tão pouco tempo! Bora lá”, comentou, em seu perfil @marcelorubens.

Em sua conta na rede social *Instagram*¹¹, a atriz Cleo Pires publicou um vídeo em que explicava que seu papel como embaixadora era, justamente, gerar visibilidade. Tal visibilidade esperada pelas entidades promotoras das Paralimpíadas, a partir da escolha de atores famosos no Brasil, manifesta-se, portanto, em tensão permanente com a presença de pessoas com deficiência, nem sempre esperada e admirada pelo público. Se, por um lado, a fama dos atores diz de um conjunto de possibilidades para a reverberação de mensagens sobre as Paralimpíadas, de forma ampla e imediata em ambientes digitais, por outro lado, está conectada a um pensamento capacitista que evidencia alguns corpos e negligencia outros.

A campanha #somostodosparalímpicos suscitou um deslocamento no padrão de corpos considerados perfeitos de acordo com padrões estéticos do mundo da moda, mas não conseguiu romper com este perfil supostamente desejado pelos leitores da revista *Vogue*. Ao associar as partes e as próteses dos atletas

11 Disponível em: <<https://www.instagram.com/cleo/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

paralímpicos a estes corpos de celebridades brasileiras, a publicação indica que são necessários não apenas os componentes tecnológicos, que garantiriam a estes corpos um status de pós-humanos, para que a deficiência seja destaque com enfoque positivo. Parece importante que a deficiência seja representada em associação a um outro belo e a uma outra performance que, se não negam a deficiência, a mitigam em hibridização com um outro corpo.

Tais leitores são corresponsáveis pelas reações articuladas pela *hashtag* #somostodosparalímpicos, que exigem da revista explicações sobre as escolhas e as propostas definidas para a campanha. É inegável que a campanha tenha despertado a atenção para a visibilidade das pessoas com deficiência, mas é fato também que tenha provocado questionamentos sobre a exigência de corpos com alta performance, vinculações cada vez mais presentes do homem com a máquina por meio dos corpos e representações das pessoas com deficiência na cultura digital (PESSOA; MANTOVANI; COSTA, 2017).

Corpos: entre ciborgues e pós-humanos

Os corpos que se colocam em movimento, tanto nas Olimpíadas, quanto nas Paralimpíadas, são corpos que ganham destaque por, de alguma forma, realizarem uma performance acima daquela prevista para os sujeitos

comuns, sejam eles corpos com ou sem deficiência. A perspectiva que se vincula ao desejo de superar as limitações corporais, traz à tona a dimensão das tecnologias como extensões do corpo humano, remetendo fortemente aos corpos das pessoas com deficiência física e a utilização das tecnologias, como nos Jogos Paralímpicos. E, nesse aspecto, a discussão da relação homem-máquina nos parece potente.

Das reflexões trazidas por Descartes, no século XVII, que estabeleciam o modelo de inteligibilidade dos objetos físicos para também explicar o corpo humano, às concepções de La Mettrie que, no século seguinte, comparavam o homem à máquina para reforçar a ideia da unicidade corpo-alma, desvinculando o humano das concepções metafísicas e teológicas e aproximando-o da condição puramente material dos animais, destacamos as discussões trazidas por Donna Haraway no *Manifesto Ciborgue*, publicado originalmente em 1985.

Mais que definir se o humano é uma junção de homem e máquina, Haraway (2016) questiona as fronteiras demarcadas em pensamentos anteriores, propondo uma reflexão que mapeia fatores socioeconômicos e sociopolíticos, evidenciando a potência da política ao assumir o conceito de ciborgue, uma espécie de mito nas civilizações atuais. A autora rompe com algumas das

dicotomias previsíveis entre o humano e a máquina, o humano e o animal, o natural e o artificial, o homem e a mulher, o corpo e a mente, a realidade e a ficção, dentre outras. Esta reflexão seria um modo de nos alertar para o fato de que, se estas fronteiras podem ser desconstruídas, elas seriam reconstituídas, em movimentos frequentes, a partir das nossas próprias experiências, da presença da tecnologia em nossas vidas e dos imaginários sociais a elas vinculadas.

No instigante debate trazido por Haraway, o ciborgue, que figurava até então distante, presente apenas nas obras de ficção científica, passa a estar entre nós – a ser “nós”. Nessa perspectiva, o ciborgue de Haraway corporifica um ser híbrido a partir do qual não caberia a discussão se é mais ou menos humano, mais ou menos máquina, se é consequência de intervenções cirúrgicas ou de descobertas em laboratórios, se as partes do corpo seriam originalmente orgânicas ou se teriam sofrido modificações temporais e espaciais, a partir do que se experiencia no cotidiano, provocando novas historicidades e, por que não dizer, novas textualidades, articuladas em redes, como percebemos neste estudo.

Neste sentido, o ciborgue estaria afeito a processos permanentes de autoconstituição, a partir de escolhas individuais, tais como os modos de estar e de se relacionar

com o mundo da vida cotidiana, e sua inter-relação com as vivências coletivas e seus impactos sociais, proporcionando uma reconfiguração do humano. Estaria tal reconfiguração, no entanto, sendo imposta para todos nós? Frequentar academias, usar roupas e calçados específicos para a melhora da performance durante os treinos, consumir alimentos com o objetivo de modelar o corpo, colocar próteses em procedimentos cirúrgicos, tudo isso, para a autora, já nos tornaria ciborgues. É possível assumir que “somos todos ciborgues”? No caso da nossa investigação, impõe-se, imediatamente, um questionamento adicional ao analisarmos a *hashtag* da campanha da revista *Vogue*: “somos todos ciborgues paralímpicos”?

As discussões da *hashtag* #somostodosparalímpicos nos despertaram outros questionamentos acerca de como a deficiência, tanto quanto os Jogos Paralímpicos, estaria em um segundo plano do ponto de vista social se o ponto de comparação for um corpo sem deficiência e os Jogos Olímpicos.

Essas questões tocam diretamente na representatividade dos corpos dos atletas com deficiência da campanha analisada, uma vez que, conforme mencionado anteriormente, para além de serem capazes de competir, teriam que estar aptos a protagonizar campanhas publicitárias e a atrair a atenção

do público a ponto de ampliar a venda de ingressos. Ao corpo com deficiência, muitas vezes, são vinculados objetos e artefatos impulsionados pela tecnologia para promover uma performance considerada melhor ou mais satisfatória do ponto de vista do desempenho de determinadas funções e habilidades. Órteses, próteses e produtos de tecnologia assistiva estariam no campo dos equipamentos que viabilizariam independência funcional nas chamadas atividades da vida diária.

Dois aspectos importantes nos interessam mais de perto e estão interconectados à tecnologia. O primeiro diz respeito à concepção cada vez mais moderna e mais adaptada ao corpo humano em uma articulação entre homem e máquina que, se não se faz imperceptível, desloca a ideia de separação brusca entre o corpo e o equipamento. Ambos parecem unidos, sem delimitações marcadas para o olhar leigo e com design sofisticado, como vimos nos textos verbovisuais aqui analisados, que, algumas vezes, despertam não só a atenção da sociedade, mas um certo desejo. O segundo aspecto é que o corpo com deficiência, desnudo, mas equipado, teria sido aprimorado pela tecnologia e garantiria uma condição especial à pessoa que pode ter sido discriminada por este próprio corpo, tendo ainda a possibilidade de colocá-lo em evidência de outros modos.

Esses corpos, não raras vezes, são percebidos a partir de atributos comparativos com aqueles sem deficiência. Esse conjunto de atributos, constituído socialmente a partir de padrões binários centrados em capacidade/deficiência ou normalidade/anormalidade, por exemplo, desencadeia movimentos amplos de linguagem e de interação social muitas vezes relacionados a estigmas (GOFFMAN, 1975). Se, na pesquisa, os corpos com deficiência se aproximam do ciborgue, eles também são híbridos ao se fundirem aos corpos de um belo idealizado dos atores famosos.

Comparações neste sentido podem parecer arriscadas. Por outro lado, tornam-se presentes se seguirmos com a reflexão em direção aos autores nos quais nos apoiamos e se pretendemos abordar as repercussões da campanha. Lembramos que Goffman (1975) chamou de abominações do corpo ou deformidades físicas um dos tipos de estigma responsável pela discriminação e exclusão de pessoas com deficiência. Se esses corpos estão distantes de uma perfeição imaginária, eles extrapolam a condição humana. “Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano” (p. 15).

As múltiplas formas de se pensar esses corpos atravessados pelas tecnologias também põem em cena várias noções e conceitos de

pós-humano. Para Braidotti (2013), o pós-humano revela muito mais que uma relação entre corpo e tecnologia, mas nos diz de formas de dominação que se estabeleceram em torno da noção de humanismo que, para além de uma corrente filosófica e científica, apresentou-se também como um modelo de civilização. Nesse sentido, a autora compreende o desenvolvimento do pós-humano em três vertentes:

[...] a primeira vem da filosofia moral e desenvolve uma forma reativa do pós-humano; a segunda, dos estudos de ciência e tecnologia, e impõe uma forma analítica do pós-humano; e a terceira, de minha própria tradição de filosofias anti-humanistas da subjetividade, que propõe um pós-humanismo crítico. (BRAIDOTTI, 2013, p. 38, tradução nossa)¹²

O pós-humanismo, ao explicitar e problematizar as relações entre corpo e tecnologia, configura-se, portanto, numa discussão que vai além do social, biológico e cultural, refletindo, sobretudo, a politização da vida. Em certa medida, como nos aponta Monteiro (2012), a reconstrução do humano pela tecnologia estaria minando as bases desse humanismo ocidental, tanto em termos empíricos, quanto em termos ontológicos e de conhecimento.

Considerações finais

Nossa análise indica que os corpos com deficiência, que não provocariam a atenção e o desejo, mesmo associados aos artefatos tecnológicos, passam por um processo de metamorfose que os concebe a partir de uma junção entre deficiência, corpos supostamente belos e a tecnologia. Na campanha analisada, os atletas paralímpicos saem de cena, tornam-se ou permanecem invisíveis. Para além de emprestar suas próteses, cedem a sua deficiência para os atores. Esse movimento paradoxal entre a visibilidade da temática deficiência e paralimpíada e a invisibilidade da própria deficiência e dos atletas paralímpicos está, a nosso ver, sendo constituído de modo perverso, mas não ingênuo, nas dinâmicas que se estabelecem nas redes.

A tecnologia, como componente fundamental das redes sociais digitais está em sua essência, no interior dos corpos, no rompimento da fronteira entre os humanos e as máquinas. A visibilidade para pessoas com deficiência nestes espaços é praticamente nula e se dá, no caso em análise, em um contexto de megaevento. É importante não desprezarmos, no entanto, que se trata de um megaevento que não está situado entre

12 "I see three major strands in Contemporary posthuman through: the first comes from moral philosophy and develops a reactive form of the posthuman; the second, from science and technology studies, enforces an analytic form of the posthuman; and the third, from my own tradition of anti-humanist philosophies of subjectivity, proposes a critical post-humanism."

os de primeira grandeza. Ele ocupa um lugar secundário, após o evento principal. Carece de um impulso, de algo ou alguém que desperte a atenção do público para a sua importância e que seja capaz de impulsionar a venda de ingressos.

Outro aspecto relevante para a discussão proposta é o fato de a campanha analisada ter sido considerada um sucesso devido ao incentivo gerado para a compra de ingressos dos Jogos Paralímpicos, mas não necessariamente pela mobilização e pela visibilidade das pessoas com deficiência. Se a campanha desencadeou textos sobre a questão da inclusão foi justamente pela sua ausência já que a revista *Vogue* não apresentou em qualquer um de seus canais de comunicação a descrição da foto ou outras ferramentas de leitura acessível para cegos, por exemplo. O fato suscitou comentários de usuários¹³, mas não obteve grande repercussão nas redes, o que indica um esvaziamento da questão da acessibilidade em meio à polêmica.

Com esta participação, os usuários das redes exercem um papel importante na repercussão dessas ações controversas estimuladas pela mídia e discutidas por pessoas comuns. Entre

esses sujeitos há aqueles que se sentem tocados pela campanha, mas que não possuem um engajamento político com a temática da deficiência, portanto, expressam as sensações que a campanha lhes provoca a partir de visões estereotipadas ou de uma vivência pessoal com o tema. Há, ainda, a presença de pessoas com deficiência, que repercutem de modo distinto a campanha, inclusive os paratletas, que se posicionaram de forma favorável à campanha, tendo em vista a visibilidade concedida ao evento. E, por fim, há os sujeitos engajados na causa social, que têm uma ação política e educativa. A fala de todos eles diz de um participar, estar presente, fazer-se importante nos debates cuja temática envolve a própria rede estabelecida entre indivíduos, corpos, deficiência e tecnologia, com imbricamentos nem sempre compreendidos e trilhas ainda a serem percorridas nas relações que se estabelecem entre humanos e máquinas. E nesta inter-relação há um limbo no qual a deficiência tenta se firmar como lugar de representação e de debate.

Marcas físicas, ausências de membros, formações diferenciadas de partes do corpo, a paralisia de movimentos, entre várias outras, estariam relacionadas, *a priori*, em muitos

13 Texto de Ana Clara Schneider, publicitária que escreve sobre temas como acessibilidade e inclusão, disponível em: <<https://medium.com/@anaclaraschneider/o-que-eu-achei-da-campanha-da-vogue-6af0559ed06a#.u8fy1rmaj>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

ambientes e grupos sociais, à incapacidade do indivíduo de realizar determinadas atividades. Se esses corpos não estariam aptos a desempenhar, como os demais, as funções supostamente humanas, eles seriam considerados inferiores, menores, piores, incapazes, dependentes, inválidos. De acordo com essa concepção, seriam, portanto, menos humanos, porque o estigma estaria neles vinculado à performance esperada, não só de um ponto de vista científico, mas também de parâmetros sociais que vêm sendo constantemente questionados e ressignificados. Parece-nos que tais *marcas* da deficiência teriam ganhado contornos diferenciados ao serem transferidas, nas imagens da *Vogue*, para os corpos de pessoas sem deficiência.

Assim, no contexto da campanha #somostodosparalímpicos, se, por um lado, a tecnologia propicia a visibilidade do corpo com deficiência, apresenta-nos também pistas para refletir sobre a relação entre essa visibilidade e o preconceito. Associamos nosso pensamento ao de Campbell (2009), para quem a tecnologia media as condições de preconceito, remediando os caminhos por meio dos quais um corpo é reconhecido como capaz física e mentalmente. As pessoas com deficiência seriam as que mais tiveram uma ligação intrínseca com os artefatos tecnológicos nos últimos anos. Se tecnologia e corpo estão tão próximos, no caso das pessoas com deficiência, não

estariamos diante de subjetividades tensionadas exatamente pelo atravessamento destas relações? Tais atravessamentos nos diriam de um olhar que concebe o corpo da pessoa com deficiência como aquele que precisa, necessariamente, da tecnologia, para se tornar semelhante, aceitável e reconhecido socialmente.

É como se corpos de atletas paralímpicos fossem mais midiaticamente aceitos tanto quanto suas deficiências não apareçam de forma explícita. Corpos que seriam considerados deformados, que fugiriam ao padrão normativo, só seriam bem aceitos no espaço específico da Paralimpíada, em que a deficiência é eclipsada por aspectos físicos de superação, força, velocidade e técnica, além de disfarçada pelo uso de aparatos tecnológicos, como próteses e cadeiras de rodas. Nos Jogos Paralímpicos, portanto, não se olha a deficiência, mas para o que se demonstra em campo “apesar dela”. A fórmula não funciona para campanhas publicitárias, na lógica protagonizada pela revista *Vogue*, pois os corpos paralímpicos não seriam suficientemente atraentes e interessantes quando retirados de seus espaços de competição e prática esportiva, ainda que apresentem características de corpos que teriam sido “melhorados” para entrar em competição e realizar ações vistas pelo senso comum como pouco possíveis diante de sua condição de pessoa com deficiência.

Referências

- ANDRADE, Graziela Correa de. **Corpografias em dança**: da experiência do corpo sensível entre a informação e a gestualidade. Belo Horizonte: Editora Scriptum, 2017.
- BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 19 maio 2019.
- BRAIDOTTI, Rosi. **The Posthuman**. Cambridge: Polity Press, 2013.
- CAMPBELL, Fiona Kumari. **Contours of Ableism**: the Production of Disability and Aabledness. Great Britain: Palgrave Macmillan, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/18172536/Contours_of_Ableism_The_Production_of_Disability_and_Abledness_2009>. Acesso em: 19 maio 2019.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.
- D'ANDREA, Carlos. Conexões intermediárias entre transmissões audiovisuais e redes sociais online: possibilidades e tensionamentos. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 18., 2014, Belém. **Anais...** Belém: Universidade Federal do Pará, 2014.
- D'ANDREA, Carlos. Controvérsias midiáticas no Twitter durante transmissões televisivas ao vivo: a rede "exoesqueleto" na abertura da Copa 2014. **Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 1-21, maio/ago. 2016a.
- D'ANDREA, Carlos. #vergonhabrasil: controvérsias midiáticas no Twitter durante e após o jogo Brasil 1 x 7 Alemanha. **Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2016b.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- KELL, Peter; KELL, Marilyn; PRICE, Nathan. Two games and one movement? The Paralympics and the Olympic movement. In: KELL, Peter; VIALLE, Wilma; KONZA, Deslea; VOGL, Gillian (Ed.). **Learning and the learner: exploring learning for new times**. Australia: Faculty of Education, University of Wollongong, 2008. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/edupapers/37>>. Acesso em: 19 maio 2019.
- MENDONÇA, Carlos Magno. Experiência e significação. In: LEAL, Bruno; MENDONÇA, Carlos Magno. **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2010. p-179-188.
- MONTEIRO, Marko Synésio Alves. **Os dilemas do humano**: reinventando o corpo numa era (bio)tecnológica. São Paulo: Annablume, 2012.
- NOVAIS, Rui Alexandre; FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia

online do Brasil e de Portugal. **Logos** 33, **Comunicação e Esporte**, v. 17, n. 2, p. 78-89, 2010. <https://doi.org/10.12957/logos.2010.861>

PESSOA, Sônia Caldas. **Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência: experiências e partilhas**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2018. (Coleção Tese). Disponível em: <<http://www.seloppgcom.fafich.ufmg.br/index.php/seloppgcom/catalog/book/21>>. Acesso em: 19 maio 2019.

PESSOA, Sônia Caldas; MANTOVANI, Camila Alves Campolina; COSTA, Verônica Soares da. Somos todos paralímpicos? Transversalidades entre corpos biocibernéticos e pós-humanos em redes sociais online. In: ZILLER, Joana. D'ANDREA, Carlos (Org.). **Olimpíadas Rio 2016: mídia, política, humor**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2017.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. A Economia do Retweet: Redes, Difusão de Informações e Capital Social no Twitter. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 24, n. 1, p. 19-43, jul. 2012.

ROGERS, Richard. Digital Methods for Web Research. **Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences**, p. 1-22, 2015.

ROUANET, Sergio Paulo. O homem-máquina hoje. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Carla Filomena; HOWE, David P. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 36, n. 2, p. 174-194, 2012. <https://doi.org/10.1177/0193723511433865>

VENTURINI, Tommaso; BOUNEGRU, Liliana; GRAY, Jonathan; ROGERS, Richard. A Reality Check(List) for Digital Methods. **New Media & Society**, v. 20, n. 11, nov. 2018.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa:

O artigo é resultado de um conjunto de pesquisas realizadas no Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades, em especial, o projeto *Deficiência nas redes sociais on-line: tensionamentos entre o respeito e o preconceito*

Fontes de financiamento: Projeto de pesquisa *Deficiência nas redes sociais on-line: tensionamentos entre o respeito e o preconceito* com bolsa de iniciação científica financiada pela PRPQ Edital 01/2016 PIBIC/PROBIC, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Fapemig.

Considerações éticas: Não se aplica.

Declaração de conflito de interesses: Não se aplica.

Apresentação anterior: Simpósio de Subjetividades e Cultura Digital, 2017, Universidade Federal de Minas Gerais.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: Agradecemos ao apoio do Programa de Excelência Acadêmica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/Proex), da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (Prpq/UFMG, Pibic/Probic) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

Post-human bodies and bodies with disabilities in digital environments: transversal approaches from the hashtag #somostodosparalímpicos

Abstract:

The campaign #somostodosparalímpicos, created by *Vogue Brasil* magazine, was the starting point of this analyses of the sociopolitical dynamics of the body and representations of the body with disabilities in common sense and in digital social networks. The methodology was based on an ethnographic inspiration approach for qualitative analysis, aiming to understand the sociopolitical relations of the representation of bodies and the representation of people with disabilities in the messages articulated by the hashtag of the campaign. The articulations between the visibility of the deficiency and the symbiotic relationship between man and machine in social media in the context of the Paralympic Games were analyzed. If, on the one hand, the campaign guaranteed an increase in the sale of tickets for the Paralympics, on the other hand, it minimized the representation of people with disabilities by replacing the parathletes by actors and by hybridizing their bodies with others supposedly more beautiful.

Keywords:

Disability. Paralympics. Body. Cyborg. Post-human.

Cuerpos post-humanos y cuerpos con discapacidades en entornos digitales: enfoques transversales desde el hashtag #somostodosparalímpicos

Resumen:

A partir de la campaña #somostodosparalímpicos, de la revista *Vogue Brasil*, discutimos dinámicas sociopolíticas del cuerpo y representaciones del cuerpo con discapacidad en el sentido común y en las redes sociales digitales. La metodología partió de un enfoque de inspiración etnográfica para análisis cualitativo, con el objetivo de comprender las relaciones sociopolíticas de la representación de cuerpos y la representación de personas con discapacidad en la circulación de mensajes articulados por la hashtag de la campaña. Se analizaron las articulaciones entre la visibilidad de la discapacidad y la relación simbiótica entre hombre y máquina en los medios sociales en el contexto de los Juegos Paralímpicos. Si, por un lado, la campaña consiguió un aumento en la venta de entradas para los Juegos Paralímpicos, por el otro, disminuyó la representación de las personas con discapacidad al reemplazar a los atletas por actores y al mezclar sus cuerpos con otros supuestamente más hermosos.

Palabras clave:

Discapacidad. Juegos Paralímpicos. Cuerpo. Cyborg. Posthumano.

Sônia Caldas Pessoa

Doutora em Estudos Linguísticos pela Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM/UFMG. Coordenadora do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades.

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: soniacaldaspessoa@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1057-8135>

Camila Maciel C. Alves Mantovani

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Colegiado do Curso de Relações Públicas. É co-coordenadora do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades.

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: camilamm@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9922-6848>

Verônica Soares da Costa

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestra em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Membro do Programa de Comunicação Científica, Tecnológica e de Inovação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: ve.scosta@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1324-0535>

Contribuição das autoras:

Concepção e desenho do estudo: Sônia Caldas; Camila Mantovani; Verônica Soares da Costa.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Sônia Caldas; Camila Maciel; Verônica Soares da Costa.

Redação do manuscrito: Sônia Caldas; Camila Mantovani; Verônica Soares da Costa.

Revisão crítica do conteúdo intelectual: Sônia Caldas; Camila Mantovani; Verônica Soares da Costa.